

CUT**FUP**

JORNAL DO SINDIPETRO

PARANÁ E SANTA CATARINA

Informativo do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina | Ano XXXII | Nº 1377 | 17 a 30/10/2016

De volta ao passado

Arrocho salarial, corte de direitos, venda de ativos, calote negocial...

Mais de um mês após apresentar uma proposta que foi amplamente rejeitada, a Petrobrás continua propondo arrocho salarial, retirada de direitos e a oficialização do calote negocial, já que até hoje nenhuma solução foi dada para a implementação do ATS dos trabalhadores da Fafen-PR.

Na rodada de negociação do Termo Aditivo do Acordo Coletivo de Trabalho 2015/2017, realizada no dia 19, a FUP tornou a afirmar que é inadmissível qualquer proposta econômica que não reponha sequer a inflação do período. As direções sindicais deixaram mais uma vez claro que horas extras e jornada de trabalho não são objeto desta negociação e que qualquer questão relativa a esses temas deve ser tratada na Comissão de Regimes, após o fechamento do acordo. Até porque, precisamos entender como a empresa é capaz de gastar R\$ 1 bilhão por ano com horas extras gerenciáveis, se insiste em afirmar que está sobrando trabalhador nas áreas. Ou os gerentes são incompetentes ou coniventes com o mau uso destes recursos.

Como nos anos 90, a Petrobrás quer implementar o mesmo receituário que no passado impôs aos trabalhadores redução drástica de efetivos e de salários, cortes de direitos, seguidos acidentes e uma política de desmonte que quase reduziu a empresa a pó. Além de todo este retrocesso, a gestão Pedro Parente ainda quer jogar sob as costas dos trabalhadores a conta de uma crise que não é só da empresa, mas de todo o setor. Para isso, insiste no argumento mentiroso de que os problemas financeiros da companhia foram causados pela corrupção.

Não há dúvidas de que a atual direção da Petrobrás tem o mesmo DNA dos gestores dos anos 90: só sabe enfrentar crises vendendo ativos, cortando direitos e arrochando salários. Os petroleiros já viram esse filme e não querem reprise. Por isso, é fundamental que os trabalhadores intensifiquem as mobilizações, participando da Operação Para Pedro, dos seminários de greve e das assembleias setoriais, onde os sindicatos têm discutido novas formas de mobilização.



Carta aberta da FUP aos trabalhadores e trabalhadoras da Petrobrás Chegou a hora da verdade!

E a verdade vocês não devem buscar no papel. Código de Ética, discursos do Parente... não é aí que está a verdade.

Claro, na hora do sufoco, do medo, da insegurança, a gente tende a acreditar que o discurso mais confortável seja verdadeiro. Porque, dentro de nós, gostaríamos que fosse verdadeiro.

Como os prisioneiros de campos de extermínio, entrando na câmara de gás. O guarda grita que é apenas um chuveiro coletivo, e boa parte acredita, contra todas as evidências. Porque seria bom que fosse apenas um chuveiro.

O discurso do guarda é, hoje, o discurso do Parente, da Diretoria, e gerentes da Petrobrás.

O falso chuveiro, o gás letal, será o fim intencional da Petrobrás, se nada fizermos.

Parente afirma que em 2020 a empresa estará saneada e maior, enquanto todas as medidas que toma apontam o contrário. Ele sabe que é mentira. E você sabe que é mentira.

Porém, muito petroleiro acredita, porque prefere esconder a cabeça na areia para não ver o pior.

A verdade está nos fatos. Na prática. No que acontece hoje, dentro e fora da empresa: o DESMANCHE. A CÂMARA DE GÁS.

Você ainda duvida? Veja a entrega do Pré-Sal. "Ah, foi o Congresso!" Parente defendeu a proposta, e trabalhou para isso abertamente.

A Petrobrás é uma história vitoriosa de desafios aos interesses internacionais. Sua criação, e cada momento de expansão, só aconteceram por mobilização dos trabalhadores.

O seu crachá verde, hoje, só existe porque quem veio antes de você lutou por ele. E se você não lutar, ele deixará de existir.

Esse é um momento de escolha. O que está em jogo são as vidas, da empresa, nossa, e de nossas famílias. A única coisa que pode impedir o fim da Petrobrás é a luta.

É hora de você se posicionar ao lado de quem é empregado da Petrobrás, como você. Só existe este lado e o outro: o lado dos entreguistas, que com falso discurso de combate à corrupção doam nossas riquezas e desmancham nossa empresa. Não existe um terceiro lado. Não existe areia para enfiar a cabeça.

Aqueles que acham que, no fim, restará meia dúzia de empregos, e que, por isso, vale mais a pena ficar do lado dos que vão destruir dezenas de milhares de famílias, esperando ser um dos 6 únicos futuros crachás-verdes, estejam avisados: você quer ser o guarda do campo de extermínio, e será tratado como tal.

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2016
Federação Única dos Petroleiros



WWW.SINDIPETROPRSC.ORG.BR

► Artigo

“Penso, logo eXISTO”. Até quando?

No primeiro final de semana de outubro, em que a greve dos turneiros da SIX atingiu seu ponto de maior tensão, de maneira inédita, vários setores da sociedade fecharam e abriram a SIX, protagonizando um espetáculo descabido de hipocrisia e ignorância via redes sociais.

Naquele momento, o mais importante não era entender e contribuir para a solução do problema, mas sim condenar pela ignorância. Como se nesse país fosse regra trabalhadores serem responsáveis pelo fechamento de empresas. Importante mencionar que os trabalhadores em greve na SIX se recusaram a entrar e parar a unidade, e só retornaram para compor os grupos de contingência para mantê-la operando.

Para aqueles que querem um esclarecimento sobre o assunto de maneira imparcial basta assistir na íntegra a audiência de conciliação que encerrou a greve no dia 14/10/2016, disponível no canal do TRT-PR no Youtube (www.youtube.com/trtpr). Ali está a defesa da Petrobras, dos turneiros e a mediação de uma juíza. Simples assim.

Agora, com o encerramento da greve dos turneiros da SIX, a sociedade São-Mateuense poderá se concentrar e unir esforços para o que realmente interessa: repensar de maneira mais inteligente seu futuro com ou sem a SIX.

Com a nova política, a Petrobras está vendendo vários ativos, entre eles: campos de petróleo, biocombustíveis, fertilizantes, distribuição de gás e de combustíveis, refinarias, etc.

A SIX já foi fechada pela Petrobras em 1989 e há poucos meses teve outra tentativa de encerramento das atividades. A sociedade não é inocente e reconhece tal possibilidade na situação atual. Para isso, não é preciso uma greve de trabalhadores ou outra desculpa qualquer, basta uma decisão administrativa da empresa.

A finalidade deste texto não é defender o fechamento da SIX. Ao contrário, é promover a discussão entre os diversos personagens sociais sobre o impacto de uma possível paralisação das atividades da Petrobras em São Mateus do Sul.

Os personagens sociais são: Petrobras, petroleiros, sindicatos, comércio, indústria, escolas, imprensa, setor agrícola, poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, entre outros.

Já existem algumas iniciativas, entre elas um grupo criado, com alguns desses personagens sociais, para discutir e propor alternativas para a SIX, mas isso não é suficiente. Se a comunidade reconhece a importância social e econômica da SIX para São Mateus do Sul e região, a mesma precisa se envolver e entender a complexidade do assunto, até para poder formar uma opinião menos reacionária nos momentos de crise, como o que estamos vivendo.

Fica aqui a sugestão pela criação de um espaço democrático, talvez um seminário com participação dos personagens sociais citados, para discutir e amadurecer esse tema espinhoso. Que a sociedade seja agente desse processo e não se sinta vítima de si mesma apenas na defesa de seus interesses particulares.

Por Osmar Aggio
 Petroleiro lotado na Operação da SIX

► Usina do Xisto

Maior greve petroleira no Paraná chega ao fim com vitória dos trabalhadores



Movimento durou 45 dias e foi marcado por luta e resistência da categoria

À zero hora do dia 16 de outubro os trabalhadores do regime de turno da Usina do Xisto (SIX), em São Mateus do Sul, retornaram ao trabalho após 45 dias de greve, a mais longa em toda a história da categoria no Paraná. Anteriormente, o maior movimento havia sido a paralisação de maio de 1995, que perdurou 31 dias na Repar e Tepar.

A assembleia realizada em 15/10 referendou o acordo pactuado um dia antes na audiência de conciliação do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná (TRT-PR) em Sede de Dissídio Coletivo de Greve. O acordo firmado entre as partes e homologado pelo TRT-PR e também Ministério Público do Trabalho do Paraná (MPT-PR) garantiu o restabelecimento do turno com jornada de oito horas e cinco grupos de revezamento, principal reivindicação da categoria.

O documento ainda garante que não haverá impacto nos processos que discutem o interstício (intervalo) de 11 horas em andamento, nem qualquer forma de retaliação ou punição pelo exercício do direito de greve.

Com relação aos dias não trabalhados, ficou pactuado que serão descontados na totalidade, porém em três parcelas (novembro, dezembro e janeiro de 2017) e não implicará em reflexos

nas férias e 13º salário.

Na assembleia ficou deliberada a criação de duas comissões. Uma para acompanhar o cumprimento do acordo pela Petrobras e outra para apurar atos de gestores e representantes jurídicos da empresa que violaram direitos individuais e coletivos, bem como descumpriram normas de segurança. Essa última comissão ainda irá investigar o uso indevido do Judiciário para colocar em risco a continuidade das operações da SIX.

A greve na Usina do Xisto foi iniciada em 1º de setembro em função da imposição por parte da empresa de uma nova

tabela de turno que reduzia a jornada de trabalho de oito para seis horas, em descumprimento do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT). Tal medida diminuiria o número de folgas dos empregados, causando prejuízos ao convívio social e familiar dos petroleiros. “A resistência foi fundamental para alcançarmos a vitória após tanto tempo de greve. Os petroleiros da SIX não se intimidaram e com união e disposição de luta conseguiram barrar a fatídica redução de jornada do turno. Foram verdadeiros guerreiros e essa luta entra para a história da categoria petroleira no Brasil”, avaliou Mário Dal Zot, presidente do Sindipetro PR e SC.

Foram verdadeiros guerreiros (os trabalhadores) e essa luta entra para a história da categoria petroleira no Brasil.

Mário Dal Zot

Presidente do Sindipetro PR e SC



► **Repar**

Terrorismo de gestão

Palestra desmotivacional do Gerente Geral da Repar causa indignação nos trabalhadores

O Gerente Geral da Repar realizou palestras nas últimas semanas para boa parte da força de trabalho e denúncias sobre o clima de terror construído pela gestão da empresa chegaram ao Sindicato. Ao que tudo indica, o GG recebeu a tarefa de ilustrar um suposto quadro de falência da empresa com o intuito de conformar os trabalhadores sobre a condição que a Petrobrás vive e desmotivá-los para a luta em defesa da companhia e de seus direitos conquistados.

As palestras apresentam o resultado da reunião na sede com os diretores, trazendo uma versão da administração da empresa e informações sobre o balanço. A intenção é causar comoção nos trabalhadores para refletirem sobre o que está acontecendo na Petrobras.

Como há registros de palestras semelhantes em várias outras unidades, fica claro que é uma estratégia de gestão de espalhar o terror e que houve uma espécie de “treinamento” aos gerentes gerais. Nesta matéria, exploramos todo o discurso da palestra e apresentamos contrapontos com informações do economista do Dieese Cloviomar Cararine Pereira, informações divulgadas na imprensa e até da própria Petrobrás.

Procedimento como política prioritária de segurança

Sobre a Política de SMS da Companhia, o gestor ressaltou que questões de SMS devem ser pensadas de forma prioritária, antes de qualquer outro parâmetro em todas as etapas das ações da companhia. Apresentou os resultados do indicador de acidentes registráveis, porém o que chama atenção em seu discurso é o fato do gestor destacar que a responsabilidade sobre a segurança da empresa é dos trabalhadores e

que eles devem seguir os procedimentos rigorosamente, com acompanhamento dos supervisores, para que o trabalho tenha segurança. Reforça que a ênfase da política de segurança da empresa é seguir os procedimentos e não tratar com seriedade as diversas problemáticas de ausência de manutenção e/ou condições de trabalho. O gestor inclusive declara que o Plano de Redução de Acidentes aprovado pelo Conselho de Administração da empresa trata a questão com o termo “responsabilização de linha”, no qual os trabalhadores são responsáveis pela sua segurança, dos demais que trabalham junto, dos equipamentos e do meio ambiente. Ao invés de priorizar a solução dos problemas de segurança, a gestão busca caçar culpados e responsabilizar a vítima. Se a empresa tivesse realmente preocupada com a diminuição de acidentes de trabalho, deveria focar na recomposição do efetivo, treinamento e manutenção de equipamentos.

Registro de acidentes Sobre o tema SMS ainda surpreende negativamente a forma como a empresa tem tratado os registros de acidentes, o principal indicador sobre segurança. O histórico de manipulação destes dados são grandes e tem se intensificado. A Petrobras insiste em pressionar os trabalhadores para o retorno ao trabalho com restrição após acidentes e já tratou muitas vezes como atendimento de ambulatório casos de acidentes mais simples, sem o devido registro. Mesmo com toda a manipulação, a Taxa de Acidentados Registráveis (TAR) – indicador da indústria que mede todos os tipos de acidentes e incidentes ocorridos – na Petrobrás hoje está em 1,8, enquanto que mundialmente, para atividade petrolífera, esse índice é de 1,28.

O GG ainda ressaltou a importância da Auditoria Externa da ANP para a Repar, visto ser um órgão legal que garante a licença. Para tanto, todos os grupos passaram por treinamentos intensos nas regras da SGO (Sistema de Gerenciamento da Segurança

Operacional), que para ele é uma ferramenta fantástica de prevenção de acidentes. Para o Sindipetro, as políticas de segurança devem ser levadas a sério pela gestão em todas as rotinas de trabalho e não exclusivamente nos momentos de auditoria. Observa-se nesta prática de faxina nas prévias de auditorias mais uma forma de manipulação da política de SMS da Petrobrás.

Situação financeira da Petrobras

Quanto à situação Financeira da companhia, o GG apresenta dados do Balanço da Empresa retirados da página dos investidores e declara que desde 2003 a dívida está subindo, já a geração de caixa da empresa não sobe de acordo com os investimentos. Diz que em 2008 a dívida era de US\$ 27 bilhões e hoje está em US\$ 126 bilhões, uma alta de 400%. A companhia se tornou a empresa de capital aberto com a maior dívida do mundo.

O gerente ainda colocou a queda do preço do barril, de US\$ 110 para US\$ 28, e o aumento do dólar frente ao real, de R\$ 2 para R\$ 4, como causas do aumento do endividamento.

Percebe-se que o gestor faz questão de traçar o pior cenário, mas a realidade não é tão nebulosa assim. De fato, a dívida é grande. Segundo as demonstrações contábeis da Petrobrás, em junho de 2016, o endividamento total da empresa chegou a US\$123,9 bilhões, sendo US\$11,4 bilhões no curto prazo e US\$ 112,5 bilhões no longo prazo. Por outro lado, a Petrobrás tem uma geração operacional de caixa, desde 2006, em cerca de US\$ 26 bilhões em média. Além disso, terminou 2015 com R\$ 100 bilhões em caixa. Suas obrigações de pagamento com a dívida são bem grandes nos próximos anos, mas não justificam venda de patrimônio, retirada de direitos e arrocho salarial. Essa seria a solução mais retrógrada e entreguista. É possível, por exemplo, alongar essa dívida, quando o preço do barril voltar a subir, os ganhos da empresa serão ainda maiores e conseguirá quitar as

Precisamos de mais 'ajustes' na empresa



MAIS?



dívidas. Além disso, conseguirá juros menores no futuro. Tem ainda outras saídas pensadas e discutidas na Pauta pelo Brasil.

No anseio de chocar pelo pessimismo, o gerente esqueceu de citar que a cotação do preço do barril tem apresentado tendência de alta, com valor atual aproximado de US\$ 50, e que o preço do dólar caiu para quase R\$ 3.

Vale ressaltar ainda que recentemente a Petrobrás ultrapassou o Itaú Unibanco na vice-liderança em valor de mercado, segundo um levantamento da provedora de informações financeiras Economática. A Ambev liderava como a mais valiosa no Brasil e América Latina. A estatal alcançou um valor de R\$ 211,64 bilhões – R\$ 27,0 milhões acima do valor de mercado do ItaúUnibanco, que na mesma data valia R\$ 211,61 bilhões. Em fevereiro de 2016, a petroleira chegou a ser a quarta maior empresa, atrás da Ambev, Itaú Unibanco e Bradesco.

Desprezo ao Pré-Sal

O gestor também minimiza a produção do Pré-Sal, dizendo que deveria ser muito maior e que os investimentos nas plataformas ainda não estão dando retorno e, de uma forma bastante desinformada, ele declara que o retorno médio nas atividades petrolíferas é a partir de 4 ou 5 anos. Já texto divulgado pela própria Companhia desmente a afirmação. “Nossa capacidade técnica aliada a novas tecnologias nos levou a produzir mais de 1 milhão de barris por dia de petróleo no Pré-Sal, com custo médio de extração quase 50% inferior ao do mercado internacional”. Porém, na palestra afirma que o

E&P colocou em risco os investimentos, investiu de forma insegura.

Cabe lembrar que no caso de Libra, adquirido em 2013, a Petrobrás começou os testes de longa duração em 2016 e planeja ter as primeiras unidades estacionais (plataformas) em 2020. Assim, levará cerca de 7 anos para começar a ter o retorno dos investimentos em Libra.

O GG disse que hoje temos pelo menos 30 bilhões de barris do Pré-Sal sem ser explorados. No entanto, as reservas do Pré-Sal ainda não foram contabilizadas pelos órgãos que fazem essas contas. Mas, de acordo com as previsões anunciadas pela ANP (que podem aumentar quando entrar em operação), a Petrobrás possui, apenas nos campos do Pré-Sal já licitados, cerca de 25 bilhões em reservas recuperáveis (5 em cessão onerosa, 5 em Libra e 15 no excedente da cessão onerosa).

Ao criticar o endividamento da empresa por causa dos investimentos no Pré-Sal, o gerente omite informações importantes. Uma delas é que na baixa cotação atual do barril de petróleo (cerca de US\$ 50), as reservas da Petrobrás valeriam US\$ 1 trilhão e 250 bilhões. Não à toa os planos de negócios da empresa priorizam a área de E&P, com previsão de inves-

▶ Continuação...

tir US\$ 60,6 bilhões em cinco anos, com 66% deste volume de recursos (cerca de US\$ 40 bilhões) destinados aos campos do Pré-Sal.

Outra informação relevante, porém não abordada, é que apenas petrolíferas estatais investem substancialmente em pesquisa e exploração. São as que possuem as maiores reservas, tais como a Saudi Aramco (Arábia Saudita), a NIOC (Irã), a KPC (Kuwait), a ADNOC (Abu Dhabi), a Gazprom (Rússia), a CNPC (China), a PDVSA (Venezuela), a Statoil (Noruega), a Petronas (Malásia). Neste caminho, com a descoberta do Pré-Sal, a Petrobrás passaria de 12ª para 3ª no ranking mundial de empresas com maior número de reservas de petróleo.

A maior parcela da dívida da Petrobrás diz respeito aos investimentos que levaram à descoberta do Pré-Sal, ao desenvolvimento de tecnologia para exploração e na grande produção nessas áreas.

Impairment

Ainda sobre os problemas financeiros da Petrobrás, o gestor deixou a entender que o impairment (depreciação) nos anos de 2014 (R\$ 45,4 bilhões) e 2015 (R\$ 49,7 bilhões) foi resultado de investimentos mal feitos e que estão dando prejuízo hoje a companhia.

Em 2014, os principais motivos para a Petrobrás realizar um impairment de R\$ 45,4 bilhões e um prejuízo de R\$ 21,9 bilhões foram as baixas contábeis nos projetos ainda em construção pela empresa, como o Comperj (R\$ 21,8 bilhões) e Abreu e Lima (R\$ 9,1 bilhões) – em operação, por conta de postergações desses projetos por extenso período de tempo, motivadas por problemas na cadeia de fornecedores oriundos das investigações da Operação Lava Jato. Naquele ano a empresa teve dificuldades em publicar sua demons-

tração contábil do 3ª e 4ª trimestres, bem como sofria pressão para divulgar os “prejuízos” com a corrupção. Assim, leva a crer que se trata de um momento que a empresa estava sendo “cobrada” a publicar as perdas com maus investimentos e corrupção.

Em 2015, o tema da corrupção quase não aparece nas demonstrações contábeis. Mesmo assim, a empresa opta por reavaliar seus ativos de E&P influenciados pela redução do preço do barril de petróleo. Neste ano os principais motivos foram: as baixas nos campos de produção de petróleo e gás no Brasil (R\$33,7 bilhões); a redução do preço do barril de petróleo (redução de 47%); e revisão geológica do reservatório de Papa-Terra. É importante frisar, ainda, que a queda no preço do barril de petróleo inicia-se em fins de 2014 e seu ajuste no balanço da empresa aparece em 2015, ano que a média anual do preço (e não somente seu fechamento do ano) se retrai.

Venda de ativos

O gestor defendeu o desmanche da Petrobrás a partir da venda de patrimônios, dizendo que estão sendo negociados os ativos menos favoráveis. Segundo ele, com a reestruturação em andamento pretende-se reduzir custos e focar a atuação nas expertises. Além disso, as parcerias “estratégicas” deixariam de 60% a 70% do setor sob controle da Petrobrás e haveria mais abertura de capital. Disse ainda que a empresa não possui uma capacidade de caixa para manter a estratégia de ser uma empresa integrada. Disse ainda que poderá haver PIDV específico nas áreas de desinvestimentos.

Tal linha administrativa é idêntica àquela praticada na década de 90 e que levou ao sucateamento da empresa. O objetivo, tal como naquele tempo, não é outro se não a

privatização da empresa.

Arrocho salarial

No intuito de desmotivar a luta pela manutenção dos direitos da categoria, o gerente afirmou que os reajustes nos últimos anos somam mais de 50% de ganho real e que a empresa aumentou os custos com folha de pagamento em 245% desde 2003. Disse ainda que o aumento de 1% na folha de pagamento causa impacto de R\$ 190 milhões no caixa da empresa. Também afirmou que a empresa não vai poder reajustar os salários com o índice do IPCA.

Os dados apresentados foram manipulados para parecer que chegou a hora de abrir mão da luta para “ajudar” a empresa. De 2003 para cá, os rendimentos dos petroleiros tiveram ganho real de acumulado de 37%. Desconsidera todas as perdas salariais acumuladas nas décadas de 80 e 90. De fato houve aumento expressivo na folha de pagamento, mas o gestor esqueceu de citar que o número de empregados próprios contratados mais de dobrou desde então. A folha salarial da Petrobrás (todo o Sistema) em 2015 foi de R\$ 19,1 bilhões, sendo reajuste de 1%, crescerá em R\$ 190 milhões por ano. Seu faturamento em 2015 foi de R\$ 321,6 bilhões, assim, somente a folha salarial representa 6% de seu faturamento. O total das despesas com pessoal, ainda em 2015, ficou em R\$29,7 bilhões, representando 9,2% de seu faturamento.

No final da palestra, o gerente clama pela reflexão sobre a situação da empresa, diz que existem duas versões e que os trabalhadores devem estar bem informados para tomar sua posição. O Sindipetro PR e SC espera ter contribuído para nutrir a categoria de informações e ressalta que de fato existem duas versões. A decisão é individual, a luta é coletiva!

▶ ACT

A arapuca tá armada!

Redução da jornada com diminuição de salários é cilada tramada pela empresa

Entre o rol de maldades que a Petrobras chama de proposta de Termo Aditivo ao Acordo Coletivo de Trabalho (ACT), algo que parece uma compilação de retirada de direitos, existe um item que chama bastante atenção. Trata-se da “redução de jornada com redução de remuneração”, classificado como item 4 na última “proposta” da direção da empresa, apresentada em 19 de outubro. Diz a redação: “A Companhia disponibilizará a opção de redução da jornada diária de trabalho de 8 (oito) para 6 (seis) horas, mediante redução de 25% da remuneração para empregados em horário flexível e sem função gratificada”.

Trabalhar menos e receber menos em um primeiro momento não parece algo tão ruim e até soa como justo, mas basta aproximar o zoom para perceber que é uma arapuca armada pela empresa. Inicialmente a medida seria facultativa, aderiria quem quisesse. Porém, abre precedente para futuramente a Petrobras impor a todos esse regime.

Os prejuízos individuais não se atêm apenas à diminuição de salário. Impactaria negativamente nos rendimentos globais do empregado por também incidir no FGTS, 13º salário, férias, INSS e Petros. Além disso, não há obrigação legal de intervalo para almoço nas jornadas de seis horas e o benefício de vale refeição ou vale alimentação teria grandes chances de ser cortado.

Já no cenário global, os efeitos podem ser ainda piores. Uma expressiva adesão à proposta de redução da jornada combinada com o arrefecimento do efetivo de trabalhadores causado pelo PIDV e demissão de terceirizados acentuaria as cobranças por produtividade. Morre aqui a tese de trabalhar menos para ter mais qualidade de vida.

Além de absurda, a proposta é desnecessária, pois existe demanda constante de mercado por derivados de petróleo e o efetivo da Petrobrás está em patamares muito baixos na relação com a produção da empresa. Diferente, por exemplo, do que acontece nas montadoras, nas quais a demanda é sazonal e justifica-se a adoção de medidas como os PPEs (Programa de Proteção aos Empregos). Nesses casos há previsão de redução de jornadas e salários, mas com subsídios do governo. Por fim, a redução da jornada é uma reivindicação histórica da CUT e demais centrais sindicais, porém sem redução de salários e com a finalidade de conceder mais tempo para o trabalhador dedicar ao lazer, convívio familiar e educação ou qualificação profissional. Algo que nem passa perto das pretensões dessa nova gestão da Petrobras.

“Para os gregos da Antiguidade Clássica era “idiota” o sujeito que preenchendo as prerrogativas para participar da vida pública na polis, abdicava de fazê-lo. Hoje, muitas vezes, são rotulados de idiotas aqueles que, nas rodas de conversa, não se empolgam com assuntos sobre a vida privada das celebridades e insistem em colocar em pauta temas públicos, ou seja, assuntos políticos. Interessar-se por política, para muitos, não é normal”

Mário Sergio Cortella,
Filósofo educador